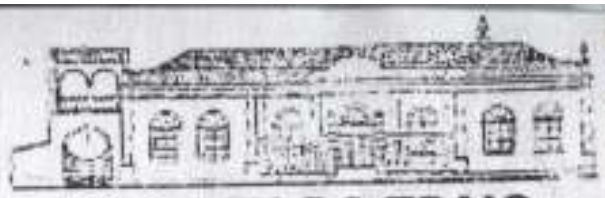
Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

J. FERNANDES MASCARENHAS

# Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria

(SUBSÍDIOS)

Olhão
1987



MUSEU DO TRAJO
S. Brás de Alportel
Biblioteca
Inv. N.º 3862 Cota N.º 3-1-3

J. FERNANDES MASCARENHAS

# Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria

## (SUBSÍDIOS)

Olhão
1987

Separata de «A VOZ DE OLHÃO»

# POR TERRAS DO ALGARVE

## Ensaios de História e Arqueologia

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

## ANTIGUIDADE DE QUELFES E PECHÃO

A freguesia de Quelfes, como se sabe, pertenceu durante muitos anos o lugar de Olhão, o que equivale a dizer que ainda não tinha atingido o desenvolvimento que lhe permitia ser elevado a freguesia. E não consta documentalmente que tivesse existido em Olhão, nesse tempo, qualquer igreja ou capela. Os olhanenses iam certamente ao templo de Quelfes cumprir os seus deveres religiosos, pois, Quelfes, já tinha em 1518 uma ermida com capelão e cura de almas.

Pela visita realizada em 1518 por Francisco Barradas, comendador de Negrellos de Roliça na Ordem de Santiago e Mendo Afonso, prior de Santa Maria de Setúbal, durante o governo do bispo de Silves D. Fernando Coutinho, fica-se a saber que, em Quelfes, existia uma ermida com capelão e cura de almas ,assim como Pechão, Santa Bárbara, Senhora da Conceição, Estoi, S. Braz e São João da Venda (1). Eram, portanto, do padroado da Ordem de Santiago, e o templo de Quelfes não devia ter as dimensões que tem hoje; era certamente uma simples ermida gótica, de que resta, neste estilo, a porta lateral do primitivo templo. Era pois esse templo o mais próximo para a gente do mar, sempre crente e devota, para poder cumprir os seus deveres religiosos. Faro era mais distante, assim como Moncarapacho e Tavira.

Quelfes como freguesia é mais antiga do que se supõe. Segundo Ataíde de Oliveira era um sítio da freguesia de S. Pedro de Faro, «conseguindo a sua desanexação ahi por 1614» (2). Ora tem sido esta data reafirmada por quantos têm escrito sobre a história do concelho de Olhão e, verdade se diga, até à data não se dispunha de quaisquer documentos para se poder afirmar o contrário. Os próprios assentos paroquiais de Quelfes, hoje no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nada adiantam sobre o assunto. O seu primeiro livro encontra-se até bastante danificado e só com uma autorização especial nos foi permitido manuseá-lo ultimamente.

No decurso das nossas investigações realizadas nesse arquivo, aparecem-nos os seguintes assentos paroquiais, bem elucidativos, a confirmar a nossa afirmação: «Aos 17 dias do mês de Abril de 1575 anos, se receberam em face desta Igreja de Nossa Senhora da Graça, freguesia de Moncarapacho, Isabel Mendes moradora na dita freguesia com Pedro Gonçalves, morador na freguesia de São Sebastião de Quelfes, os quais eu António de Sintra, cura que ora sou da dita freguesia, recebi por palavras

de presente como manda a Santa Madre Igreja, foram pregoados três domingos em ambas as freguesias. Testemunhas que presente estavam Domingos Alves, Domingos Gonçalves, António Ximenes, Miguel Fernandes, todos moradores na dita freguesia, por verdade assinei aqui António de Sintra» (3).

«Aos seis dias do mês de Agosto de 1595 anos, eu Licenciado Miguel Leite cura perpétuo da Igreja da São Martinho de Estoy recebi por palavras de presente guardando em tudo a forma do Sagrado Concílio Tridentino, a Manuel Martins, filho de Domingos Martins, e Catarina Dias da freguesia de Quelfes, com Isabel Viegas, filha de Afonso Dias já defunto, e de Lianor Viegas. Testemunhas Capitão de Faria, João Correia, Baltezar Viegas, e outros muitos que estiveram presentes.

Miguel Leyte» (4).

Quanto a Pechão, diz-nos o seguinte assento paroquial:

«Aos vinte dias do mês de Junho de 1593, recebi e nesta Igreja de Estoy (sic.), por palavras de presente, guardando em tudo a forma do Sagrado Concílio Tridentino, a Álvaro Gonçalves, filho de Manuel Gonçalves e de Violante Vaz da freguesia de S. Bartolomeu de Pexão, com Caterina Dias, filha de João Gonçalves e de Constança Afonso, moradores em esta freguesia. Foram padrinhos e testemunhas e Capitão Manuel Dória, Martim Leal, Domingos Dias e outras muitas que estavam presentes, e assinei aquí.

Miguel Leite» (5).

No referente à freguesia da Conceição de Faro, aparece-nos o seguinte assento, do ano de 1599:

«...de Dezembro de 99, baptizei eu Domingos Dias... nesta Igreja de Nossa Senhora da Conceição, André, (filho) de Manuel Goes e de Catarina Roiz. Foram padrinhos Luís de Castanheda e Catarina Gil e por verdade assinei aquí. Domingos Dias» (6).

Quer dizer, que não só Quelfes já existia no século XVI, como as freguesias de Pechão e Conceição de Faro, todas elas, como vimos, pertencentes ao Padroado da Ordem de Santiago. A de Estoi já nos aparece em 1577 (7).

Todas estas freguesias deviam ter sido criadas em meados do século XVI o século em que muitas freguesias surgiram no Algarve, sinal evidente que se verificava um acentuado povoamento. E a Igreja ia acompanhando esse desenvolvimento demográfico.

Quando a sede do bispado foi transferida de Silves para Faro, no ano de 1577, pelo insigne bispo D. Jerónimo Osório, passou a Colegiada da Ordem de Santiago que estava na Igreja de Santa Maria para a Igreja de S. Pedro que era dos marítimos (8) e na Igreja de Santa Maria ficou a Sé Catedral. «E talvez se criasse (diz Baptista Lopes) por esses tempos a Freguesia deste nome, cujo Prior percebia ainda até há poucos anos as offertas das filiaes S. João da Venda, Santa Bárbara de Nexe, S. Braz do

Alportel, Estoi, Conceição, Pexão, Quelfes, ultimamente Olhão, ou certos emolumentos em lugar das offertas» (9).

Todos esses lugares citados eram provavelmente já freguesias, pois tinham passado 59 anos entre a visita realizada pelo comendador da Ordem de Santiago às mesmas, e o ano da transferência da Sé de Silves para Faro.

Quer dizer, que esses templos passaram automaticamente a ser filiais da igreja de S. Pedro em virtude da Colegiada de Santa Maria ter sido transferida para esse novo templo.

## A CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE OLHÃO E AS IGREJAS DA ACTUAL CIDADE

Olhão é uma terra relativamente moderna como freguesia, como moderno é o seu concelho, embora no seu sítio tivesse certamente existido, em tempos remotos, um núcleo populacional (grande ou pequeno não o sabemos), de que são prova as cetárias (tanques de salga de peixe) cartaginesas ou romanas que aí foram descobertas em 1950 (10), na altura em que se procedia à construção da Doca de Pesca da vila de Olhão.

Os vestígios romanos descobertos na Quinta de Marim de uma importante **villa** agrícola ou povoação, acrescidos da velha torre, mandada edificar por El-Rei D. Dinis, em frente da **Barra Grande,** para defesa das populações que aí viviam e das propriedades (fazendas), em face dos ataques periódicos dos argelinos e marroquinos, sobretudo na altura das colheitas, fazem supor que o sítio onde está Olhão era habitado nessas épocas.

Já em 1941, nós afirmavamos na revista **O Instituto,** vol. 101: «acerca da tôrre, onde se encontra esse escudo de armas (um escudo do reinado de D. Dinis), hoje transformada numa simples casa de habitação, trata-se nem mais nem menos do que de um baluarte fronteiro à barra grande da ria Formosa, de Olhão, mandada construir, segundo se prova documentalmente, por El-Rei D. Dinis para defesa dessa ubérrima região das investidas permanentes da pirataria, que tanto infestava os mares algarvios. Isto, sem nos querermos referir já em especial à influência que certamente teve a mesma tôrre na defesa do núcleo de pescadores que possivelmente vivia nessa época no sítio de Olhão, cuja antiguidade sempre entendemos ser muito maior do que se supunha; opinião esta em tão boa hora comprovada por documentos achados pelo nosso estimado amigo e erudito investigador Dr. Alberto Iria Júnior» (11).

Entretanto os habitantes do sítio de Olhão edificam uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, em data que não conseguimos averiguar, mas tudo levando a crer que no princípio do século XVII. O estilo da chamada igreja pequena tudo o indica.

Sobre a Confraria do Rosário encontrámos porém no Arquivo Nacional da Torre do Tombo uns documentos que a ela se referem, confraria certamente fundada por pescadores e erecta na capela que tinham erguido.

Esses documentos estão num livro que tem o título de «Livro da

receita e despesa da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Olhão (1660-1664)».

Embora sejam muito escassas as suas informações têm interesse pela sua raridade.

Vejamos o que nos dizem os referidos documentos, cremos que inéditos, sobre a Confraria de Nossa Senhora de Rosário de Olhão.

Aos 27 de Junho de 661 Eu Manuel da Fonseca Monis... nesta Igreja de Quelfes; os eleitos dela fizemos elei...(ção) da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sairam com ma(is) votos por Juís e Escrivão Manuel de Figueiredo de Ataíde, e Recebedor António Viegas e mordomos Manuel de Taíde e Domingos Gonçalves aos quais dei juramento para que sirvam seus cargos como convem a serviço de Deus e bem de suas consciências o que prometeram fazer outro sim se tomou conta ao Recebedor passado Manuel Viegas da Fozeta achou-se ter recebido dezoito mil e seiscentos rs, e despendido dez mil e quinhentos que abatida a despeza da receita resta dever à confraria oito mil e cem rs que logo entregou ao novo Recebedor e por verdade se faz este termo» (12).

Em 26 de Dezembro de 1662 estando de visita o juíz dos resíduos da cidade de Faro e seu termo (a freguesia de Quelfes pertencia ao termo de Faro), «mandou vir este Livro de Nossa Senhora do Rosário de **Olham** freguesia de S. Sebastião de Quelfes viu as contas dele estarem tomadas pelo Reverendo Cura o ano de 662» (13).

Em 12 de Agosto de 1663, sendo cura de Quelfes o Licenciado Francisco Vieira foi feita a eleição de «N. S. do Rosário de **Olham,** e sairam a mais votos, por juíz e escrivão, Manuel de Figueiredo de Ataíde e por recebedor Manuel Gonçalves; e seus companheiros, Manuel Martins Belota; e Manuel de Ataíde, aos quais ele cura deu juramento de bem servirem seus cargos. E outrossim, diz o mesmo documento, tomei conta ao recebedor passado João Lopes» (14).

Finalmente em 6 de Julho de 1664, o cura da igreja de S. Sebastião de Quelfes, Licenciado Sebastião de Faria, fez a eleição da Confraria de Nossa Senhora do Rosário e tomou as respectivas contas referentes à receita e despesa da mesma Confraria» (15).

A eleição, pelo que vimos, era feita anualmente. Apenas serviam num curto espaço de tempo. Entre as receitas aparecem-nos os **ramos,** certamente das festas que se realizavam em honra de Nossa Senhora do Rosário.

O livro em questão encontra-se em mau estado e tem apenas 20 folhas numeradas de nove e muito danificadas, talvez devido a água que caíu sobre ele.

O recebedor Manuel Viegas, da FOZETA era algum pescador ou homem do mar, devoto de Nossa Senhora. Na altura ainda não existia na Fuseta qualquer templo, enquanto que, o lugar de Olhão, já tinha uma igreja e, Quelfes, sede da freguesia, a sua igreja paroquial em estilo Renascença com um lindo arco do altar-mor Manuelino com influências renascentistas, as suas confrarias e mordomias, nas quais tomavam parte activa

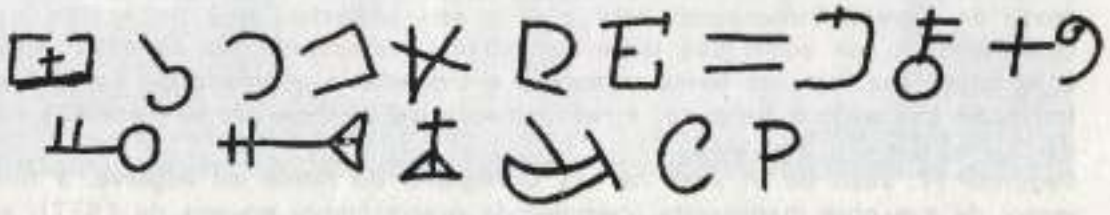
figuras da nobreza local, e, em Quelfes, muitas delas viveram.

Por provisão de 1695 do Bispo do Algarve D. Simão da Gama o lugar de Olhão separa-se de Quelfes, constituindo uma freguesia, cuja igreja paroquial foi inicialmente na chamada igreja pequena até à construção da nova igreja, aberta ao culto em 1715 antes de concluída (16).

O novo templo, em estilo barroco, tem monumentalidade e representa o esforço dos homens do mar que o construiram à sua custa, conforme reza a inscrição do cunhal da torre sineira desse templo.

Há nesse templo um pormenor curioso. Nos seus cunhais, em pedra almofadada de tom dourado, aparecem-nos siglas à semelhança das que se vêem nos edifícios medievais. É curiosa esta particularidade pouco ou nada frequente em templos de estilo barroco. Nós mesmo não temos conhecimento de outro do género.

Eis algumas das siglas por nós copiadas em 1969, acrescidas de outras copiadas recentemente:



Uma destas siglas tem a forma de um barco, talvez a representar um dos tradicionais caíques!

As siglas num edifício em estilo barroco, como se verifica na Igreja Matriz de Olhão, é uma particularidade curiosa em que quase não se repara.

Na **Igreja Pequena,** cujo actual orago é Nossa Senhora da Soledade e que, primitivamente, foi de Nossa Senhora do Rosário, o mesmo não se verifica, embora seja mais antiga do que a igreja matriz, a **Igreja Grande,** como o povo a designa.

Por outro lado, o edifício do antigo Compromisso Marítimo também com cunhais de pedra almofadada, no género da igreja matriz, também não tem quaisquer siglas.

E já que nos referimos a este edifício, é justo que se diga que o mesmo tem um certo valor, pelo que devia ser considerado «imóvel de interesse público», como foi a Ponte de Quelfes, quer por se encontrar intimamente ligado ao levantamento patriótico da restauração de 1808, quer pelas suas abóbadas de aresta, muito interessantes, assim como, externamente, com um nicho em pedra trabalhada com a imagem de Nossa Senhora da Graça e a lápide da fundação do mesmo edifício.

Quanto a nós todo esse conjunto devia ser restaurado convenientemente, pondo-se a descoberto os arcos que se encontram entaipados. O edifício do Compromisso é como que um ex-libris de Olhão, tendo por fundo a cúpula da igreja pequena, do género das cúpulas que se vêem nos países mediterrânicos, nomeadamente em Israel — a Terra Santa.

## NOTAS

(1) Cfr. João Baptista da Silva Lopes — **Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve**, Lisboa, 1848, p. 304.

(2) Ataide de Oliveira — Monografia do Concelho de Olhão da Restauração, Porto, 1906, p. 214.

(3) **Registos Paroquiais de Moncarapacho** (A. N. T. do Tombo), Livro M-2, fls. 114 verso.

(4) **Registos Paroquiais de Estoi** (A. N. T. do Tombo), Livro M-1, fls. 83.

(5) **Idem**, Livro M-1, fls. 18.

(6) **Registos Paroquiais da Conceição de Faro** (A. N. T. do Tombo), Livro B-1, fls... (fortemente danificado nas primeiras folhas).

(7) Frei João de S. José — **Corografia do Reino do Algarve** (Resevados e Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa), p. 48.

(8) A igreja de S. Pedro, um dos bons templos da cidade de Faro teve, primitivamente, como se sabe, menores dimensões e mais reduzida grandeza.
No início simples capela, foi edificada graças à generosidade dos mariantes, num gesto de devota homenagem para com o seu protector, que tinha sido pescador como eles. A sua edificação já se encontrava iniciada no ano de 1577, isto é, 19 anos antes dos ingleses terem saqueado e incendiado a cidade de Faro. E ao contrário do que poderá supor-se, a reconstrução da Sé deve ter-se inspirado na igreja de S. Pedro e não o inverso.
Segundo Fr. João de S. José na sua **Corografia do Reino do Algarve**, a folhas 35 verso, da sua obra manuscrita (completada precisamente no ano de 1577), ao referir-se às igrejas de Faro diz que «A outra S. Pedro que agora fazem os mariantes, de nouo e uirá a ser hum templo sumptuoso conforme aos principios que leua». Nesse ano de 1577 encontravam-se as obras no seu início, e ter-se-iam provavelmente prelongado por vários anos.
Igualmente nos dizem autores antigos, que a igreja de S. Pedro foi dos raros edifícios que escaparam quando do desembarque dos ingleses, essa página negra da vida de Faro, que encheu de luto e tristeza a sua população (de um nosso artigo que não chegámos a publicar).

(9) João Baptista da Silva Lopes, **ob. cit.**, p. 304.

(10) Alberto Iria — **As ruínas dos tanques de salga de peixe encontradas recentemente em Olhão, in** «Boletim da Associação Industrial», 1950, n.º 273.

(11) J. Fernandes Mascarenhas — **Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica.** Separata do «O Instituto», Coimbra, 1941, pp. 29-30.

(12) **Livro de receita e despesa da Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Olhão, cit.** (Confrarias — Irmandades — Mordomias), n.º 3, fls. 4.

(13) **Idem**, fls. 8 verso.

(14) **Idem**, fls. 14.

(15) **Idem**, fls. 17 verso.

(16) Antero Nobre — **História Breve da Vila de Olhão da Restauração**, Olhão, 1984, pp. 27-30.

**Nota final.** O Licenciado Henrique Fernandes Sarrão, na sua **História do Reino do Algarve**, de cerca de 1600, publicada pela primeira vez em 1983, na «Revista de história económica e social», N.º 3, p. 164, já se refere às freguesias de Quelfes, Pechão e Conceição de Faro. O mesmo já não se passa com Fr. João de S. José, na sua «Corografia do Reino do Algarve», de 1577, que as não menciona.

— Para facilidade de composição tipográfica e leitura dos documentos transcritos, desdobrámos as abreviaturas e actualizámos a respectiva pontuação.

Frente Renascença da Igreja Paroquial de Quelfes

Frente Barroca da Igreja Paroquial de Pechão

**Primitiva imagem de Nossa Senhora do Rosário de Olhão**

## APENDICE

### QUELFES E OLHÃO NOS REGISTOS PAROQUIAIS

**Referência a alguns párocos de Quelfes, pessoas de Olhão e arredores e a um capitão da fortaleza de S. Lourenço (da Armona).**

Visitando, há dias, o Arquivo de S. Vicente de Fora, foi-nos dado mais uma vez compulsar o primeiro livro de registos paroquiais da freguesia de Quelfes que aí se encontra, o qual, embora em estado verdadeiramente deplorável — com folhas arrancadas e outras rasgadas — tem, no entanto, interesse para a história do concelho de Olhão e, sobretudo, para o estudo do movimento populacional da freguesia de Quelfes.

O livro é misto, isto é, contém termos de baptismos, casamentos e óbitos e registos de confirmados.

Por esse livro, conseguimos organizar a seguinte relação de curas de almas (párocos) de Quelfes, desde 1614 a 1773:

Padres Sebastião Sobrinho Correia (1614); Jorge Pacheco (1616); Diogo Fernandes (1629); Manuel Fernandes (1630); Manuel da Fonseca Moniz (1636); João Palermo de Faria (1666); António Fernandes de Ataíde (1670-1693); Manuel Moniz Rolão (1695); Afonso Camacho de Aragão (1696); Francisco Ribeiro (Setembro de 1696-1730); Francisco Xavier de Mendonça (Agosto de 1730-Abril de 1741); António Rebelo do Rosário (Outubro de 1741); João Viegas de Mendonça (Julho de 1744); João Pereira de Lima (Agosto de 1749-Janeiro de 1754); Francisco Gomes de Oliveira (Julho de 1754 a Julho de 1748); João Machado da Fonseca (Agosto de 1758 e em 1773 ainda era cura).

Além destes, houve mais os seguintes: Padres João Roiz Serejo, cura, (1677); Vicente Leal, cura encomendado, (1677); Manuel Pais Medina, cura encomendado, (1678); João Couto Ramos, cura (Agosto de 1678) e o coadjutor Manuel Moniz Rolão.

Estes últimos eram, certamente, todos curas encomendados.

Não obstante o estado em que o livro de Quelfes teria ido para o Arquivo, mercê de vários factores, está devidamente paginado, a lápis, e em condições de poder ser consultado.

Achámos curiosos alguns dos seus termos referentes a Olhão pelo que os vamos extractar.

Segundo cremos, um deles é dos primeiros, senão o primeiro, em que

se faz alusão a um casamento realizado na primitiva ermida de Nossa Senhora do Rosário, edificada pela gente laboriosa da praia de Olhão.

É curioso notar que essa ermida já tinha por orago a Virgem, sob a mesma invocação que a igreja paroquial dessa vila tem actualmente.

Até 1 de Julho de 1691, muitas referências a indivíduos naturais de Olhão se encontravam, como não podia deixar de ser. No entanto, não vi no referido livro uma única sobre a ermida de Nossa Senhora do Rosário. Nesse ano, porém, sendo cura de Quelfes o Padre António Fernandes de Ataíde, tem lugar na praia de Olhão e nessa ermida, um casamento, em que foram testemunhas Manuel de Arouca e Silva, Sargento-Mór da praça de Faro; Manuel de Figueiredo Mascarenhas, Capitão de Mar e Guerra; Jerónimo Rebelo, Capitão da fortaleza de São Lourenço e João Maciel de Andrade.

O casamento foi de Manuel Moniz, filho de António Moniz e Beatriz Afonso, com Brázia Fernandes, filha do Capitão Cristóvão Fernandes e de Joana Moniz, todos naturais e moradores na praia de Olhão.

Pelo interesse que o termo de casamento pode ter, vamos transcrevê-lo:

«Aos: digo o primeiro dia do mês de Julho de seiscentos e noventa e um em presença de mim Padre António Fernandes de Ataíde, Cura desta Igreja de S. Sebastião de Quelfes, e das testemunhas que presentes estavam Manuel de Arouca da Silva Sargento-Mór da praça de Faro, e de Manuel de Figueiredo Mascarenhas Capitão de Mar e Guerra, e de Jerónimo Rebelo Capitão da fortaleza de São Lourenço e de João Maciel de Andrade, se receberam por palavras de presente **in facie Ecclesiae Codc. Trid. e Const. do Bispado,** e haveram (sic) as Bençãos matrimoniais nesta ermida de N. S. do Rosário de Olhão cum facultate **inscriptio superioris:** Manuel Moniz solteiro filho de António Moniz defunto e Beatriz Afonso e Brázia Fernandes solteira, filha do Capitão Cristovão Fernandes e Joana Moniz todos naturais, e moradores nesta praia de Olhão de que fiz este termo que assinaram comigo as ditas testemunhas (1).

Isto passava-se em 1691. E em 16 de Maio de 1695, sendo coadjutor de Quelfes o Padre Manuel Moniz Rolão, foi celebrado, na sua presença, e na do Padre António Fernandes Ataíde, cura de Quelfes, o último casamento que teve lugar na ermida de Olhão, como dependência da 1.ª destas freguesias, pois, em 27 de Julho de 1695, já nos aparece um registo de casamento nos seguintes termos:

«Aos vinte e sete de Julho de mil, e seiscentos e noventa e cinco anos em presença de mim, o Padre Manuel Moniz Rolão cura desta Igreja de São Sebastião de Quelfes, e do muito R. do António Fernandes de Ataíde, cura da Igreja de N. Senhora do Rosário da **praya de Olham»** (2).

Quer dizer: o coadjutor de Quelfes, Padre Manuel Moniz Rolão, ficava cura dessa freguesia e o Padre António Fernandes de Ataíde, cura de Quelfes durante tantos anos, passava a ser o primeiro cura da paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Olhão.

Estavam praticamente separadas as duas freguesias!

A de Quelfes, em cuja área já possivelmente teria existido, no século VI, qualquer núcleo cristão, a avaliar por uma lápide latina descoberta (3) em Marim, dava, desta forma, origem a uma nova cristandade.

O desenvolvimento de Quelfes tem sido lento, o que aliás sucede em todas as freguesias essencialmente agrícolas. Enquanto que, Olhão, pelas suas condições naturais e espírito empreendedor de seus filhos, tornou-se, em relativamente poucos anos, uma das vilas sedes de concelho mais importantes do País.

---

(1) — **Livro cit.** fls. 200.

(2) — **Idem,** fls. 221.

(3) — **Epigrafia (A) Cristã em Portugal,** pelo Padre Miguel de Oliveira, in **Letras e Artes,** Ano IV-3-XI-1940-N.º 10. É desse interessante trabalho o seguinte: «N.º 34-Marim-Séc. VI. **Recessit in pace Filex XII Kalendas Iuliass».** Félix descansou em paz a 12 das calendas de Julho (20 de Junho). Lápide, não datada, no Museu Etnológico. **Archeólogo Português,** I, 179, Hübner, n.º 295, diz que será talvez do século VI e interpreta Filex por Félix.

## OBSERVAÇÕES

Este artigo, da nossa autoria, foi publicado em 8 de Janeiro de 1950, no jornal «Correio Olhanense». Nesse ano, já distante, ainda se encontravam os registos paroquiais no Mosteiro de S. Vicente de Fora, em Lisboa, e Olhão ainda não era cidade.

Para que este artigo não ficasse perdido no referido jornal, resolvemos incluí-lo ,em apêndice, pelas suas grandes relações com o assunto versado.

O facto de não nos ter aparecido no referido livro, como afirmámos no artigo transcrito em **apêndice,** qualquer referência nos registos paroquiais de Quelfes, sobre a capela primitiva de Olhão, não significa que esse templo não existisse anteriormente, pois, como Antero Nobre diz na sua erudita «História Breve da Vila de Olhão da Restauração», p. 23, nota D, publicámos num dos nossos trabalhos, «um documento da Freguesia de Quelfes que prova a existência da mesma Capela em 1614». Pena é não termos à mão esse nosso trabalho para novamente publicarmos o referido documento, o qual vinha muito a propósito.

## AGRADECIMENTO

Agradecemos à Exma. Sr.ª D. Maria Carolina Alho, responsável pela Biblioteca-Museu de Olhão, a gentileza da cedência das fotografias que ilustram este trabalho.

# INDICE


Págs.

Antiguidade de Quelfes e Pechão ... ... ... ... ... ... ... ... 5

A Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e as Igrejas da actual Cidade ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 7

Apêndice - Quelfes e Olhão nos Registos Paroquiais ... ... ... 13

## ALGUNS TRABALHOS DO AUTOR

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica — Coimbra, 1941.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos da vida económica do Algarve no século XVIII — Coimbra, 1942.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração) — Lagos, 1943.

No Rumo da Educação — Lisboa, 1944.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos — Olhão, 1950.

A Origem da Ordem do Carmo em Portugal nas suas relações com a Ordem de Malta — Moura, 1954.

S. Gonçalo de Lagos — Subsídios para o estudo da sua personalidade e do seu culto (IV da Colecção «Estudos Algarvios» da Casa do Algarve em Lisboa — Lisboa, 1957.

A Conquista da Vitória (Manual organizado pelo autor e editado pela Obra dos Soldados — Direcção Nacional da Juventude Católica) — Lisboa, 1956.

A Herdade da Coroada e o Tratado das Terçarias de Moura — Lisboa, 1958.

Organismos Oficiais de Estatística Portuguesa e seus Dirigentes — Da Secção de Estatística e Topográfica ao Instituto Nacional de Estatística (1841-1958) — Lisboa, 1959.

A confusão dos cultos de S. Gonçalo de Lagos e S. Gonçalo de Amarante — Faro, 1962.

O culto de S. Gonçalo de Lagos na Família Real Portuguesa — Faro, 1962.

S. Gonçalo de Lagos venerado no Colégio Universitário Agostiniano de Coimbra — Faro, 1962:
(Comunicações apresentadas pelo autor ao I Colóquio Gonçalino e reunidas num volume sob o título «Algumas facetas do culto de S. oGnçalo de Lagos») — Faro, 1962.

Da Vida do Bem aventurado Padre Frei Gonçalo de Lagos, Padroeiro de Torres Vedras, por Frei António da Purificação — Apresentação e notas de J. Fernandes Mascarenhas, Lagos, 1962.

As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (Subsídios de etnografia e folclore) — Tavira, 1965.

Coexistência Cultural no Ultramar Português — Lourenço Marques, 1965.

A Cooperativa Agrícola do Limpopo — Lourenço Marques, 1965.

A Actual Nomenclatura das Ruas de Moncarapacho — Lourenço Marques, 1967.

O Cerro de S. Miguel — Vila Real de Santo António, 1969.

Considerações sobre os factores educativos e económico no cooperativismo — Lisboa, 1969.

Santo Cristo — Subsídios sobre o seu culto em Portugal, especialmente em Ponta Delgada e Moncarapacho — Lisboa, 1971.

Motivação das Comemorações de um Centenário, **in** Comemoração do 5.º Centenário da Freguesia de Moncarapacho — 1971.

Cinco séculos da vida de uma freguesia (Discurso inaugural das comemorações do 5.º centenário de Moncarapacho — Lourenço Marques, 1972.

Algumas doações de D. Dinis em Faro e seu termo — Faro, 1974.

Chocué — Nome primitivo da cidade de Trigo de Morais e outros topónimos das principais localidades do distrito de Limpopo — Trigo de Morais, 1975.

Páginas Gonçalinas — Lembrando S. Gonçalo de Lagos e a sua mensagem — Vila Real de Santo António, 1979.

A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes — Olhão, 1981.

## POR TERRAS DO ALGARVE — ENSAIOS DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

### I

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira — Tavira, 1952.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreàa de Santo Estêvão de Tavira — Tavira, 1954.

O Vinho da Fuseta e a Economia do Algarve (Subsídios) — Tavira, 1954.

Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios — Tavira, 1962.

Elementos de Arqueologia sobre o Algarve — Tavira, 1967.

Fornos de cerâmica e outros vestígios romanos do Algarve — Lourenço Marques, 1974.

A verdadeira naturalidade de Diogo de Mendonça Corte-Real — Tavira, 1974.

Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa — Lisboa, 1978.

Dois documentos arqueológicos recentemente achados, sobre os judeus no Algarve — Faro, 1980.

A população de Moncarapacho no século XVI, livre e escrava, através de rois de confessados inéditos — Olhão, 1985.

O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua história) Olhão, 1986.

Estoi, Moncarapacho, S. Bartolomeu de Messines e outras Terras do Algarve nos Levantamentos contra o domínio Filipino — Faro, 1986.

II

Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria. (Novos Subsídios) — Olhão, 1987.

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
— Vila Real de Santo António —
——— 500 ex. — 5/87 ———

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

# SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

1 — **A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes**
por J. Fernandes Mascarenhas

2 — **António Henrique Cabrita, nadador prestigiado**
por Fernando Cabrita

3 — **O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico**
por Antero Nobre

4 — **A População Olhanense — Sua Origem e Evolução**
por Antero Nobre

5 — **O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-bibliográfico** — por Antero Nobre

6 — **O Centenário do Nascimento do Cónego Monsenhor Dr. António Baptista Delgado**
por D. Ernesto Gonçalves Costa

7 — **Grutas do Cerro da Cabeça — A «Gruta da Senhora», para possível aproveitamento turístico**
por um grupo de Jovens Espeleólogos

8 — **O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus**
por Fernando Cabrita

9 — **No Centenário do Nascimento do Dr. F. Fernandes Lopes**
por Mariana Amélia Machado Santos

10 — **Subsídios para uma Bibliografia Olhanense**
por Antero Nobre

11 — **A população de Moncarapacho no Século XVI, Livre e Escrava, Através de Rois de Confessados Inéditos** — por J. Fernandes Mascarenhas

12 — **O Bom Humor em João Lúcio**
por Fernando Cabrita

13 — **O Carnaval de Moncarapacho (Subsídios para a sua História)** — por J. Fernandes Mascarenhas

14 — **Quem foi Sebastião Martins Mestre na História do Sotavento Algarvio?**
por Adérito Fernandes Vaz

15 — **Cronologia Geral da História de Olhão da Restauração**
por Antero Nobre

16 — **Acerca da antiguidade das freguesias de Quelfes e Pechão e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Olhão e sua primitiva confraria**
por J. Fernandes Mascarenhas